

## AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: O CASO DE NELL

- Resenha-

Por William Santos Teixeira<sup>1</sup>

FOSTER, Jodie; APTED, Michael. *Nell*. [Filme-vídeo]. Produção de Jodie Foster, direção de Michael Apted. Estados Unidos, Egg Pictures / Polygram Filmed Entertainment / Twentieth Century Fox Film Corporation, 1994. Longa-metragem, 113 min. color. son.

O filme *Nell*, de 1994, narra a história da protagonista de mesmo nome (Jodie Foster), que viveu até a idade adulta numa casa na floresta, com sua mãe eremita e afásica, sem ter contato com outras pessoas. Quando sua mãe morre, Nell é encontrada pelo médico Jerome Lovell, que vasculhava o local com o xerife Peterson. Intrigado com o dialeto que ela fala, Jerome tenta compreendê-lo, assim como integrá-la em sociedade.

Segundo Morato, a afasia é uma “perturbação de linguagem”, tanto em seu aspecto produtivo, relacionado à produção da fala, quanto interpretativo, relacionado com a compreensão e reconhecimento de sentidos, “causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs), ou tumores” (MORATO, 2009, p. 154). Ao sujeito afásico podem faltar palavras, tanto na fala quanto na escrita, resultando muitas vezes em

substituições ou trocas inesperadas e incompreensíveis de palavras inteiras ou partes delas [...], longas pausas ou hesitações, muitas vezes seguidas de desalentado abandono do turno de fala ou do tópico conversacional, bem como da perda do “fio da meada” (MORATO, 2009, p. 155);

sua fala também pode resultar “muito laboriosa”, com alterações fono-articulatórias, ou ter aspecto “telegráfico”, com problemas de ordem sintática ou semântico-lexical (cf. MORATO, 2009, p. 155). Em seu processo de aquisição da linguagem, Nell estava exposta somente a estímulos linguísticos ou *inputs* da fala comprometida de sua mãe afásica, o que resultou numa linguagem própria, embora, fosse uma variante do inglês,

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

como reconhece a personagem Paula: “She speaks english [...] ‘spee’, speak, ‘afa’, after, she’s dropping the consonants”.

Segundo o behaviorismo, “a aprendizagem da linguagem seria fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo, resposta.” (SCARPA, 2009, p. 206). Aprender a língua materna seria equivalente à aquisição de outras habilidades e comportamentos, tais como andar de bicicleta, dançar, etc. já que ela seria o acúmulo de comportamentos verbais ao longo do tempo (cf. SCARPA, 2009, p. 206). Skinner explicaria a fala de Nell como o acúmulo de comportamentos verbais adquiridos por meio de mecanismos comportamentais de estímulo, reforço e resposta. Em outras palavras, ante os estímulos de fala afásica, Nell daria uma resposta que seria incorporada como comportamento verbal, segundo o reforço positivo ou negativo que obtivesse ante a resposta dada. A linguagem seria, portanto, adquirida.

Noam Chomsky, no fim da década de 1960, publica uma polêmica resenha do livro *Comportamento Verbal*, de Skinner, posicionando-se contra o behaviorismo. Segundo o linguista, “a linguagem, específica da espécie, dotação genética e não um conjunto de comportamentos verbais, seria adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente.” (SCARPA, 2009, p. 206). Seu argumento básico é o de que num período muito curto, por volta dos 18 aos 24 meses, mesmo exposta a uma fala fragmentada, truncada e repleta de frases incompletas, a criança adquire um sistema complexo de regras e princípios que constituem a gramática interna do falante. Esse argumento é chamado de “pobreza de estímulo”:

um mecanismo ou dispositivo inato de aquisição da linguagem (em inglês, *language acquisition device*), que elabora hipóteses linguísticas sobre dados linguísticos primários (isto é, a língua a que a criança está exposta), gera uma gramática específica, que é a gramática da língua nativa da criança, de maneira relativamente fácil e com um certo grau de instantaneidade. Isto é, esse mecanismo inato faz “desabrochar” o que “já está lá”, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento linguístico prévio, sintático por natureza (SCARPA, 2009, p. 207).

Dentre as modificações por que passou a teoria gerativa, tem-se um segundo momento, em que se introduz a *Teoria de Princípios e Parâmetros*. O argumento da “pobreza de estímulo” é retomado numa leitura platônica, vinculado à metáfora do *problema de Platão*, que se põe da seguinte forma: “como é que o ser humano pode saber tanto diante de evidências tão passageiras, enganosas e fragmentárias?” (SCARPA, 2009, p. 208). Em relação à linguagem, isto quer dizer que o conhecimento linguístico é muito maior que a sua manifestação. A linguagem estaria ligada, portanto, a mecanis-

mos inatos da espécie humana, donde se tem a ideia de universais linguísticos. O ser humano nasceria com uma Gramática Universal (GU), composta por princípios universais e parâmetros “preenchidos” empiricamente, isto é, “parâmetros não marcados que adquirem seu valor (+ ou -) por meio do contato com a língua materna” (SCARPA, 2009, p. 208). Assim, um exemplo de princípio seria o de que em todas as línguas há sujeito, sendo o parâmetro, a opção pelo sujeito nulo ou preenchido. A faculdade de linguagem seria, portanto, inata à espécie humana e não um mero conjunto de comportamento verbais como propunha Skinner.

Chomsky explicaria a aquisição da linguagem de Nell como a elaboração de hipóteses linguísticas acerca da fala de sua mãe afásica e a consequente geração de uma sintaxe próxima da do sujeito afásico de sua língua nativa, podendo ser “telegráfica”, caso não mencionado no filme, pelo dispositivo inato de aquisição da linguagem ou Gramática Universal. A pronuncia fragmentada, como por exemplo “spee” para “speak”, se daria em decorrência da internalização dos signos linguísticos como eram pronunciados pela fala deficitária da mãe, entretanto, a personagem não apresenta problemas articulatórios, pois pronuncia algo próximo a “crazy”, após um rapaz dizer “She’s crazy”, quando tenta abusar dela e é impedido por Jerome.

A autonomia do mecanismo de aquisição de linguagem ou *Gramática Universal*, como domínio específico da linguagem, foi questionada pela ideia de que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem ocorrem com o desenvolvimento do raciocínio na criança. Essa abordagem, chamada de *cognitivismo construtivista* ou *epigenético*, foi desenvolvida com os estudos de Jean Piaget. Segundo o epistemólogo suíço, o aparecimento da linguagem ocorre quando a criança supera o estágio sensório-motor, por volta dos 18 meses. Neste estágio de desenvolvimento cognitivo, desenvolve-se a função simbólica, isto é, a capacidade de relacionar um significante (ou um sinal) à um objeto significado, assim como a representação, que permite armazenar e recuperar a experiência. Essas duas funções ligadas concomitantemente a outros três processos contribuem para a superação do “egocentrismo radical” da fase sensório-motora, período em que há indiferenciação entre o sujeito e o objeto, ao ponto de o primeiro nem se reconhecer como fonte de suas ações. Os três processos são: a) descentralização das ações em relação ao corpo, isto é, o sujeito passa a se reconhecer como fonte de suas ações; b) coordenação gradual das ações, ou seja, as ações são conectadas visando a meios e fins; c) permanência do objeto, o objeto permanece o mesmo e igual a si próprio, ainda que não esteja no espaço perceptual da criança. Os processos (a), (b) e (c) permitem o uso efeti-

vo do símbolo; representar um sinal por outro; exercer o princípio da arbitrariedade do simbólico (Cf. SCARPA, 2009, p. 210-211).

Em contrapartida ao modelo inatista, a aquisição é vista como resultado da interação entre o ambiente e o organismo, através de assimilações e acomodações, responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência em geral, e não como resultado do desencadear de um módulo – ou um órgão – específico para a linguagem (SCARPA, 2009, p. 211).

Além do *inatismo* chomskiano, esse ponto de vista rechaça também o behaviorismo, uma vez que a criança não age passivamente ante os estímulos recebidos.

Piaget explicaria o processo de aquisição da linguagem da personagem Nell como produto de seu desenvolvimento cognitivo, superando o estágio sensório-motor e adquirindo as funções simbólica e representativa. Como Nell recebeu apenas estímulos linguísticos de sua mãe afásica, logo ela aprendeu a usar os signos linguísticos falados por ela como sistema simbólico, o que fez com que sua fala fosse repleta de palavras fragmentadas, como as de um afásico.

O trabalho de Piaget sofreu duras críticas, nas décadas de 1970 e 1980, devido à interpretação de que ele subestimou o papel do social e das pessoas no desenvolvimento cognitivo da criança. Um “modelo interativo social” fez-se necessário para explicar esse desenvolvimento nos primeiros dois anos de vida da criança, levando-se em conta a exploração dos fenômenos físicos e sociais por parte dela e de seus interlocutores. Vygotsky, de orientação construtivista, como Piaget, entende que o desenvolvimento da linguagem (e do pensamento) tem “origens sociais, externas, nas trocas comunicativas entre o adulto e a criança” (SCARPA, 2009, p. 213). Essas estruturas construídas socialmente, “externamente”, passariam, com o tempo (por volta de 2 anos de idade), por um movimento de interiorização e de representação mental daquilo que era antes social e externo. “Vygotsky entende o processo de internalização como uma reconstrução interna de uma operação externa, mas, diferentemente de Piaget, para a internalização de uma operação deve concorrer a atividade mediada pelo outro, já que o sucesso da internalização vai depender da reação de outras pessoas” (SCARPA, 2009, p. 213). Ainda segundo o autor a fala e o pensamento prático devem ser estudados sob a mesma óptica, pois a atividade simbólica, viabilizada pela fala, organiza o pensamento. Com ela, a criança controla o ambiente e seu próprio comportamento (cf. SCARPA, 2009, p. 212).

Vygotsky explicaria que Nell internalizou as representações externas de suas trocas comunicativas com sua mãe afásica, por isso sua fala é fragmentada. Devido ao

isolamento, ela não havia internalizado as regras de comportamento social, como se ve na cena em que põe no carrinho de supermercado tudo o que vê pela frente ou na outra em que mostra os seios e fica girando, tal como proposto por um rapaz que tentou abusar dela. Apesar de falar um inglês fragmentado, Nell havia desenvolvido outras funções mentais superiores, como, por exemplo, a memória, como se ve nas cenas em que lembra das brincadeiras com sua irmã gêmea, que morreu afogada num rio, ainda na infância.

Após Nell mostrar os seios em público, Paula lhe dá um livro sobre educação sexual. Nell observa as imagens atentamente, ao final de que vem para junto de Jerome e Paula e aponta para uma ilustração no livro e para Jerome, para outra e para Paula e diz algo próximo a “making love”. Em outra cena, cinco anos após ter ganho a causa judicial contra um psiquiatra que queria interná-la e ter decidido continuar morando na floresta, Nell é visitada por Jerome e Paula, agora casados e pais de uma menina. Nell brinca com a garota, perto do lago, como costumava brincar com sua irmã, ao fim de que diz algo próximo a “Remember that!”. Com tais exemplos, e tomando como hipótese que Nell estava adquirindo uma segunda língua, poder-se-ia argumentar em prol da hipótese do período crítico, isto é, que há uma idade limite para se aprender uma língua naturalmente, através do mecanismo de aquisição da linguagem ou Gramática Universal. O argumento básico é o de que é bastante difícil dominar uma segunda língua em idade adulta, ainda mais em situação formal de ensino, pois mesmo que o aprendiz obtenha resultados satisfatórios quanto à gramática, ao léxico e a fins comunicacionais em segunda língua, sempre fica, em sua fala, “certas construções gramaticais mal-ajambradas, erros fossilizados, ou, mais certamente, um sotaque ‘estranho’, aos ouvidos dos falantes nativos” (SCARPA, 2009, p. 220), como no caso de Nell.

Segundo Pinker (1994), a aquisição normal de uma língua é garantida até a idade de 6 anos, comprometida entre os 6 anos e a puberdade e rara daí em diante (cf. SCARPA, 2009, p. 221). Ele especula que “o período crítico se explica por mudanças maturacionais no cérebro, tais como o declínio da taxa de metabolismo e do número de neurônios durante a idade escolar e da diminuição do metabolismo e do número de sinapses cerebrais na adolescência” (SCARPA, 2009, p. 221).

Os opositores dessa hipótese, a exemplo de Aitchinson (1989), apontam, por exemplo, indivíduos que, mesmo isolados de qualquer convívio social, adquiriram tardiamente a linguagem, como Isabelle, Genie e Chelsea. Isabelle convivía enclausurada num quarto escuro com sua mãe surda e cérebro-lesada, na casa do avô, no interior do

Estado de Ohio. Quando conseguiu escapar, com sua mãe, em 1930, com idade de 6 anos e meio, não falava, somente emitia sons guturais. Entretanto, estando em convívio social, teve um progresso fantástico de aquisição da linguagem, pois, em dois anos e meio, sua linguagem não se distinguia da de crianças de mesma idade. Genie, descoberta na década de 70, com aproximadamente 14 anos, tinha vivido até então em condições sub-humanas. Fora confinada num cubículo com a idade de 20 meses e sofria agressões físicas do pai quando emitia qualquer som, por isso não falava. Após ser resgatada, aprendeu a falar de modo rudimentar e mostrava um desenvolvimento mais lento que o de crianças normais. Ela falava por exemplo: “Mike paint” (Mike pintar); “Applesauce buy story” (Molho de Maçã comprar loja); “Neal come happy. Neal not come sad” (Neal vir contente. Neal não vir triste). Entretanto, demonstrava grande capacidade de decorar vocabulário, o que não é suficiente para se falar uma língua. Chelsea era deficiente auditiva, entretanto, fora diagnosticada como retardada mental, por isso foi criada numa remota cidade na Califórnia. Encaminhada a um neurologista, aos 31 anos de idade, ele instalou um aparelho de audição, que melhorou bastante sua capacidade auditiva. Chelsea começou então a aprender sua língua materna, por meio de tratamento intensivo com uma equipe especializada. Apesar de ter um vocabulário razoável, ler, escrever, se comunicar e trabalhar, sua linguagem ficou “agramatical”: “The small a the hat” (O pequeno um o chapéu); “Banana the eat” (Banana a come). Aitchinson (1989) ressalta que tais casos são isolados e não evidenciam cabalmente a existência de um período crítico de aquisição da linguagem. O autor lembra que a extrema privação física, comunicativa e emocional de Genie, possivelmente, propiciou certo retardo mental, pois seu hemisfério esquerdo é levemente atrofiado. Os problemas de Genie e Chelsea seriam, portanto, não linguísticos (cf. SCARPA, 2009, p. 221-222).

Como se viu, as diversas correntes teóricas tentam explicar a aquisição da linguagem. Ainda que não se tenha uma resposta definitiva, não se pode, simplesmente, descartar certos pontos de vista, pois todos eles contribuíram para a construção do conhecimento referente à disciplina Aquisição da Linguagem e mantém as discussões abertas em busca do saber, o que, afinal, move as ciências. Neste ponto, retoma-se Nell “Remember that”.

## Referências

MORATO, Edwiges, Neurolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009: p. 143-170.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009: p. 203-232.